

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ZÉ DOCA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**FRANCISCO DAS CHAGAS DOS SANTOS**

**A COZINHA DA DESIGUALDADE:** tia Nastácia e o racismo em *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato

Zé Doca- MA

2024

**FRANCISCO DAS CHAGAS DOS SANTOS**

**A COZINHA DA DESIGUALDADE:** tia Nastácia e o racismo em *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato

Trabalho apresentado para o curso de Licenciatura em Letras para apreciação e aprovação como requisito da elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, *Campus Zé Doca*.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elijames Moraes dos Santos Muniz

Zé Doca - MA

2024

Santos, Francisco das Chagas dos

A COZINHA DA DESIGUALDADE: tia Nastácia e o racismo em Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. / Francisco das Chagas dos Santos. – Zé Doca, MA, 2024.

36 f

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Zé Doca, 2024.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elijames Moraes dos Santos Muniz

**Elaborado por Cássia Diniz - CRB 13/910**

**FRANCISCO DAS CHAGAS DOS SANTOS**

**A COZINHA DA DESIGUALDADE:** tia Nastácia e o racismo em *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato

Trabalho apresentado para o curso de Licenciatura em Letras para apreciação e aprovação como requisito da elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, *Campus Zé Doca*.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elijames Moraes dos Santos Muniz

Aprovado em: 27 / 08 / 2024

**BANCA EXAMINADORA**

*Elijames Moraes dos Santos Muniz*

---

**Profa. Dr<sup>a</sup>. Elijames Moraes dos Santos Muniz (Orientadora)**

*Andreza Luana da Silva Barros*

---

**Profa. Me. Andreza Luana da Silva Barros  
(UEMA - *Campus Zé Doca*)**

*Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos Oliveira*

---

**Profa. Me. Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos  
(UEMA - *Campus Zé Doca*)**

Ao Deus todo poderoso e a família pelo incentivo.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

A minha mãe, por seu apoio incondicional e incentivo constante ao longo de toda a minha jornada acadêmica. À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elijames Moraes dos Santos Muniz, por sua orientação valiosa, paciência e pelos insights que foram fundamentais para o desenvolvimento deste projeto.

Aos meus colegas e amigos, por suas sugestões, apoio moral e pela troca de experiências que enriqueceram esta pesquisa. Agradeço também aos professores e profissionais que, direta ou indiretamente, contribuíram com seus conhecimentos e expertise.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, participaram e apoiaram a realização deste trabalho, tornando possível a conclusão desta etapa importante da minha vida acadêmica.

*“Nunca houve um monumento da cultura  
que não fosse também um monumento da  
barbárie”.*

Walter Benjamin

## RESUMO

À medida que os debates sobre questões raciais ganharam espaço na esfera pública e nos meios acadêmicos, aumentaram as contestações quanto à forma como o negro é retratado e como as questões raciais são abordadas na obra *Reinações de Narizinho*. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo geral analisar a presença de estereótipos e expressões racistas na obra de Monteiro Lobato, com foco nos desdobramentos da personagem Tia Nastácia. A fundamentação teórica deste estudo baseia-se em autores como Silvio Luiz de Almeida (2018, 2019) e Djamila Ribeiro (2019), que discutem o racismo estrutural, além das contribuições de Gayatri Spivak (2010) sobre a subalternidade. Essas abordagens teóricas ajudam a compreender como a obra de Lobato não apenas reflete, mas também perpetua estereótipos raciais, alinhando-se às concepções racistas da época. A escolha de Tia Nastácia justifica-se pela relevância intrínseca que esse personagem assume em "*Reinações de Narizinho*", representando um ponto crucial para a proposta de análise. Sua caracterização e representação estão intimamente ligadas aos estereótipos étnico-raciais presentes na literatura brasileira. Os resultados obtidos demonstraram que, embora a inclusão de personagens negros, como Tia Nastácia, possa inicialmente ser vista como um esforço de representação, a linguagem e a atração utilizada pelo autor acabam por reforçar estereótipos negativos e perpetuar uma visão pejorativa dos negros. Termos depreciativos e a constante subalternização de Tia Nastácia evidenciam a visão preconceituosa da época, que ainda ressoa nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Literatura; Monteiro Lobato; preconceito; racismo.



## ABSTRACT

As debates on racial issues gained prominence in the public sphere and academic circles, there has been increased scrutiny regarding how Black people are portrayed and how racial issues are addressed in the book *Reinações de Narzinho*. In this context, the general objective of this study is to analyze the presence of stereotypes and racist expressions in the work of Monteiro Lobato, focusing on the character Tia Nastácia. This analysis is informed by the theoretical frameworks of Djamila Ribeiro (2019) and Silvio Almeida (2019), who discuss structural racism, as well as Gayatri Spivak's (2010) contributions on subalternity. These theoretical approaches help to understand how Lobato's work not only reflects but also perpetuates racial stereotypes, aligning with the racist conceptions of the time. The choice of Tia Nastácia is justified by the intrinsic relevance that this character assumes in *Reinações de Narzinho*, representing a crucial point for the proposed analysis. Her characterization and representation are closely tied to the ethnic-racial stereotypes present in Brazilian literature. The results demonstrated that, although the inclusion of Black characters, such as Tia Nastácia, might initially be seen as an effort towards representation, the language and the portrayal used by the author ultimately reinforce negative stereotypes and perpetuate a pejorative view of Black people. Derogatory terms and the constant subordination of Tia Nastácia highlight the prejudiced views of the time, which still resonate today.

**Keywords:** Literature; Monteiro Lobato; prejudice; racism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>UM AUTOR EUGENISTA E AS MARCAS DO RACISMO NA LITERATURA BRASILEIRA.....</b>	<b>13</b>
2.1	Breve reflexão sobre as marcas do racismo na sociedade brasileira.....	16
<b>3</b>	<b>REINAÇÕES DE NARIZINHO: A PERSONAGEM DE FICÇÃO E OS ESTEREÓTIPOS DA NARRATIVA.....</b>	<b>22</b>
3.1	Tia Nastácia e a subalternidade.....	24
<b>4</b>	<b>TIA NASTÁCIA: REPRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NA NARRATIVA.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Literatura Brasileira é um campo vasto e diversificado que reflete a riqueza cultural e histórica do país. Nesse contexto, Monteiro Lobato emerge como uma figura proeminente, notável por sua contribuição à literatura infantojuvenil e seu impacto duradouro na Literatura Brasileira. No entanto, sua obra é frequentemente criticada devido à forma como incorpora palavras e expressões consideradas racistas e, em muitos casos, apresenta termos pejorativos e depreciativos para descrever a personagem Tia Nastácia. Essas representações podem refletir uma perspectiva racista e estrutural da sociedade.

Conforme os debates sobre questões raciais foram ganhando espaço na esfera pública e nos meios acadêmicos, houve um aumento das contestações em relação à forma como o negro é retratado e como são abordadas as questões raciais na obra *Reinação de Narizinho*. Diante disso, surge a problemática que norteia este trabalho: de que forma *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, manifesta e reproduz estereótipos raciais e reforça o racismo estrutural presente na sociedade brasileira?

As representações racistas em *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, podem ser entendidas como um reflexo das crenças e valores da elite branca brasileira da época e do próprio autor, que desconsideravam a importância da diversidade racial e cultural, onde o racismo era disseminado e aceito por grande parte da sociedade. No entanto, é importante destacar que hoje, à luz do progresso social e do reconhecimento da importância da diversidade racial, essas representações têm sido amplamente criticadas.

A inclusão de personagens negros nas obras de Monteiro Lobato pode ser interpretada como uma tentativa de representação da diversidade étnica brasileira, mas a utilização de termos e expressões que estereotipam os negros pode ter diminuído o impacto positivo dessas representações. O debate, em torno do legado do autor, destaca a necessidade de avaliar obras literárias e culturais à luz de valores contemporâneos e, ao mesmo tempo, reconhecer o contexto em que foram produzidas, promovendo a conscientização e o diálogo sobre questões raciais e culturais em nossa sociedade.

Sendo assim, é importante realizar uma análise dessas representações para compreender como elas se relacionam com a história e a cultura brasileira, e refletir sobre as possíveis implicações.

O motivo que orienta a escolha deste tema tem origens em esfera pessoal e em preocupações com questões sociais, relacionadas às problemáticas aqui discutidas, como o racismo, a representação de personagens negros na literatura infantojuvenil e os estereótipos presentes na literatura de Monteiro Lobato.

Espera-se, ainda, que esta pesquisa possa trazer uma perspectiva renovada para debates sobre o tema no meio acadêmico. Nesse sentido, este tema é relevante não só para a Literatura, mas também para a sociedade em geral, pois permite compreender como a Literatura pode perpetuar o racismo e, assim, contribuir para o combate a essa prática discriminatória.

A abordagem da personagem Tia Nastácia se justifica pela relevância intrínseca que essa personagem assume na obra de Monteiro Lobato, especialmente na obra "Reinações de Narizinho". Tia Nastácia representa um ponto crucial para a análise proposta, uma vez que sua caracterização e representação estão ligadas aos estereótipos étnico-raciais presentes na Literatura Brasileira.

Por meio de uma análise da construção dessa personagem, é possível explorar como Lobato incorpora e perpetua certos estereótipos, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de como a literatura pode influenciar a percepção social e cultural. A escolha de Tia Nastácia como foco de investigação proporciona, portanto, uma janela única para examinar as dinâmicas complexas entre representação literária, estereótipos e as questões étnico-raciais, tornando-a uma peça-chave na compreensão desses aspectos que são desdobrados na Literatura de Monteiro Lobato.

Nesse sentido, acreditamos na relevância deste tema não só para o contexto literário, mas também porque ajuda a pensar sobre a sociedade em geral. Ademais, permite compreender como a literatura é um campo de discussão sobre preconceitos, estereótipos e, assim, pode contribuir para uma conscientização sobre a não difusão dessa prática discriminatória. O racismo é um problema estrutural, presente em diversas esferas da sociedade e notamos essas marcas na própria Literatura Brasileira, inclusive na infantojuvenil. A obra de Monteiro Lobato é um exemplo disso, com personagens negros frequentemente representados de forma caricata e inferiorizada.

Assim, no que tange às considerações mencionadas, esta pesquisa tem como objetivo analisar na obra de Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*, a presença de estereótipos de expressões racistas a partir dos desdobramentos da personagem Tia Nastácia. Quanto aos objetivos específicos procuraremos compreender como se dá a contextualização do racismo na literatura de Monteiro Lobato; refletir sobre as implicações dessas representações e como elas configuram ou mesmo sintetizam a propagação do racismo na sociedade.

Este estudo utiliza métodos de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Para tanto, será realizada uma análise textual minuciosa, identificando e documentando quaisquer termos, diálogos ou narrativas que possam ser considerados racistas. Isso envolverá a leitura atenta da obra em questão, bem como a consulta a fontes primárias e secundárias que contextualizam o uso dessas expressões à época de sua escrita.

Logo em seguida será feita uma abordagem sobre os estereótipos raciais usados na construção de Tia Nastácia, bem como aqueles presentes no desdobramento das personagens negras do *corpus* em estudo, visando o entendimento de como a literatura tem sido usada para promover ou desafiar estereótipos raciais no Brasil.

Assim, para embasar esta pesquisa foram utilizados autores como Castilho (2004), Almeida (2018 e 2019) e Ribeiro (2019), teóricos que apresentam trabalhos consolidados sobre o racismo estrutural, discriminação racial e outras vertentes dessa forma de discriminação. Além disso, consideramos importante o estudo Spivak (2010), autora que fala sobre o lugar de fala do subalterno. Bem como o estudo de Candido e Rosenfield (2009) para entender o desdobramento dos personagens e a representação destes que acreditamos sintetizar a abordagem de uma construção racista no *corpus* a ser analisado. Para completar nosso estudo, buscamos dissertações de mestrado e teses de doutorado relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

O presente estudo está organizado da seguinte forma: inicia-se com a introdução no Capítulo 1, onde são delineados o contexto e a relevância do tema estudado. No Capítulo 2, discute-se o autor eugenista e as marcas do racismo presentes na literatura brasileira. O Capítulo 3 aborda a obra "Reinações de Narizinho" e os estereótipos presentes na narrativa. No Capítulo 4, analisa-se a construção de

estereótipos em torno da personagem Tia Nastácia. Por fim, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais, oferecendo uma visão geral dos resultados alcançados.

## **2 UM AUTOR EUGENISTA E AS MARCAS DO RACISMO NA LITERATURA BRASILEIRA**

A primeira metade do século XX testemunhou o auge do movimento eugenista, que propunha a melhoria genética da sociedade por meio da seleção de características desejáveis e do controle da reprodução. Desse modo, é oportuno acrescentar que “A eugenia, fundada pelo naturalista inglês Francis Galton, é uma autointitulada ciência preocupada em promover a reprodução de indivíduos considerados superiores, e em desincentivar a propagação daqueles vistos como inferiores” (Junior; Westphal; Meira, 2021, p.72).

Segundo os autores, as características desse movimento estavam fundamentadas em conceitos de raça, superioridade e purificação genética. Acreditava-se que a promoção da raça superior poderia ser alcançada através do controle da reprodução e da segregação das pessoas consideradas inferiores. O movimento foi influenciado pelas teorias de Charles Darwin e suas ideias evolutivas (Junior; Westphal; Meira, 2021).

Essas ideias eugenistas, inicialmente restritas a círculos acadêmicos e científicos, logo encontraram eco nas políticas públicas de diversos países, especialmente nas nações que adotaram políticas de higienização racial. O impacto dessas ideias foi profundo, levando à implementação de leis que permitiam a esterilização forçada de indivíduos considerados "indesejáveis" ou "inaptos". Esse tipo de política, adotada em países como os Estados Unidos e a Alemanha nazista, reflete a perigosa aplicação de conceitos científicos distorcidos para justificar práticas de exclusão e opressão (Schwarcz, 1993).

No Brasil, a eugenia foi usada para buscar uma população mais pura e superior. Segundo Souza (2016) Renato Kehl, em 1918, juntamente com o médico Arnaldo Vieira de Carvalho e mais alguns intelectuais, fundaram a Sociedade Eugênica de São Paulo e, em 1931, a Comissão Central Brasileira de Eugenia. Essa comissão detinha a participação de diversos intelectuais da época, e usavam a ciência como forma de disseminação de suas ideias. Ou seja, tinha por objetivo o controle de doenças, e essas eram atribuídas à mistura de raças. Ainda segundo Souza (2016),

uma outra comissão foi criada na época e era intitulada de Liga Pró-saneamento do Brasil, da qual Monteiro Lobato era integrante.

Essa relação do autor com a eugenia era muito forte, uma vez que em seus escritos deixava clara a sua admiração pelos preceitos presentes no movimento eugênico. Em *O presidente Negro* (2008), Lobato traz uma visão ousada do futuro da sociedade estadunidense. Por meio dessa visão, Habib (2023, p. 31), evidencia que “pode ser considerado um hino de louvor à eugenia e às teorias raciais”.

Além das políticas de esterilização e da promoção de uma "raça superior", a eugenia no Brasil também esteve associada ao ideal de "branqueamento" da população. Essa prática tinha como objetivo eliminar, ao longo das gerações, as características raciais consideradas indesejáveis, promovendo o casamento entre indivíduos brancos e pessoas de outras raças com o intuito de diluir a cor da pele e outros traços físicos não europeus. Essa política foi amplamente discutida e promovida por intelectuais da época, que viam no branqueamento uma forma de "melhorar" a sociedade brasileira. Tal relação torna-se mais evidente ao analisarmos cartas trocadas com seu grande amigo, Arthur Neiva e pela eminente admiração demonstrada a Renato Khel. Em um trecho de uma carta datada de 10 de abril de 1928, na qual Lobato escreve ao seu amigo Arthur Neiva, o autor demonstrava defender os ideais da Ku Klux Klan, organização essa que buscava dificultar a vida dos negros ao tentarem sua reinserção na sociedade após serem libertos. É possível evidenciar tal afirmação ao analisarmos o trecho a seguir:

País de mestiços, onde branco não tem força para organizar uma Kux-Klan (sic), é país perdido para altos destinos. [...] Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva (Carta a Artur Neiva de 10 de abril de 1926 *apud* Souza, p. 13. 2015).

A propagação das ideias eugenistas no Brasil também refletia uma tentativa de modernizar o país de acordo com padrões europeus, visto que, à época, o Brasil era ainda um país em busca de sua identidade nacional. A eugenia, nesse contexto, foi vista como uma ferramenta para moldar essa identidade, eliminando o que era considerado "atrasado" e promovendo uma imagem de progresso e civilização. A elite brasileira, ao adotar essas ideias, procurava distanciar-se de suas raízes africanas e indígenas, almejando uma aproximação cultural e racial com a

Europa. Em outro trecho de uma carta, dessa vez enviada a Godofredo Rangel, Lobato fala sobre o processo de miscigenação entre africanos com os portugueses no Rio de Janeiro:

Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral — e no físico, que feiura! Num desfile, à tarde, pela horrível rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas (sic) humanas — todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível — amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde (Carta a Godofredo Rangel de 1908 *apud* Souza, p. 13. 2015).

Nessas correspondências aos seus amigos, o autor deixa claro sua posição sobre o processo de miscigenação da sociedade brasileira, vendo-o de forma inferior àquele que por ventura fosse fruto dessa união de raças. Em *O Choque das Raças*, posteriormente chamado de *O Presidente Negro*, Monteiro Lobato pretendia atingir o público norte-americano e divulgar as ideias da eugenia no Brasil. A história, publicada em partes no jornal *A Manhã* (1926), se passa em um futuro distante, onde estaria eleito o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Cabendo a elite branca o plano de esterilizar a população negra, dando assim um fim à raça negra.

No livro, é possível evidenciar o pensamento do autor em relação a miscigenação, a piora de caráter é colocada como um atributo de quem é miscigenado:

A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças díspares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefá-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado (Lobato, 1956, p. 206).

Lobato acreditava que o caráter racial é um atributo que se forma ao longo de séculos e que o cruzamento racial perturba esse processo, tornando-o instável. O autor não apenas questiona a eficácia da estratégia, mas também aponta para as consequências negativas que, segundo ele, afetaram ambas as raças. A crítica de Lobato vai além do aspecto físico das raças, pois para o autor a fusão resultou na perda das admiráveis qualidades físicas de selvagem, que ele atribui aos negros. Além disso, ele aponta para a deterioração do caráter dos brancos devido aos cruzamentos raciais (Santana, 2019).



De acordo com Souza (2022), as ideias de eugenia e branqueamento não foram apenas expressões teóricas ou literárias, mas tiveram consequências reais e devastadoras para milhões de pessoas. As políticas inspiradas por essas ideologias levaram à discriminação sistemática, à marginalização e, em muitos casos, à violência direta contra aqueles considerados indesejáveis. As cicatrizes deixadas por essas políticas persistem até hoje, refletindo-se nas desigualdades sociais e raciais que ainda marcam o Brasil e muitas outras sociedades.

## **2.1 Breve reflexão sobre as marcas do racismo na sociedade brasileira**

Ao explorarmos as páginas da Literatura Brasileira anterior a 1850, é impossível não perceber um aspecto intrigante e, de certa forma, perturbador. Dentro desse panorama literário que abraça séculos de colonização, a figura do negro praticamente não existe, apesar de seu papel fundamental como escravos em diversas esferas da sociedade. Ao falar sobre tal ausência, Brookshaw (1983), levanta questões profundas sobre a representação e a humanização desses indivíduos como os escritores da época colocam:

[...] antes de 1850, na literatura brasileira, a figura do negro praticamente não existe, apesar do papel fundamental que desempenhavam como escravos por séculos. Essa ausência na literatura sugere uma desumanização por parte dos escritores da época, que negligenciaram a representação da experiência dos escravos (Brookshaw, 1983, p. 26).

Diante dessa omissão na literatura em relação à figura negra, é importante considerar como a diversidade cultural brasileira foi retratada na produção literária da época, mostrando como a literatura pode ser um reflexo de ideologias e atitudes predominantes em uma sociedade num determinado período histórico.

O silenciamento dos negros na literatura, apesar de seu papel fundamental para a formação da nação, sublinha a necessidade de uma análise crítica e uma revisão mais profunda da literatura brasileira, com o intuito de incluir e dar voz às experiências daqueles que foram negligenciados por tanto tempo, tornando-se necessário a compreensão de como ocorre essa exclusão.

Dois elementos podem explicar essa supressão histórica, embora de forma insuficiente para justificar plenamente tal omissão. O primeiro aspecto refere-se à mentalidade de certos escritores da época, os quais recusavam conferir aos escravos

e aos negros o estatuto de seres humanos. O segundo está relacionado ao público leitor ao qual essas obras se destinavam.

Os escritores viam-se obrigados a obter o apoio dos proprietários de escravos ou a depender das instituições enraizadas no sistema escravocrata para conseguirem ter suas obras reconhecidas, logo eles não ficavam do lado daqueles que não ofereciam algum benefício. Segundo Castilho, “os escritores estavam do lado dos opressores e não poderiam dar atenção aos oprimidos”. (Castilho, 2004. p. 104). A fala da autora aponta sobre o papel da literatura como um reflexo das dinâmicas sociais e políticas da época. Ela destaca que muitos escritores daquele período não apenas refletiam as desigualdades existentes na sociedade, mas também contribuíam para perpetuá-las ao omitir as vozes e experiências dos oprimidos, notadamente os escravizados.

Monteiro Lobato viveu em um período de transformações significativas na história do Brasil. No final do século XIX e início do século XX, o país passou por mudanças sociais, políticas e culturais que impactaram profundamente a construção da identidade nacional brasileira. Como em 13 de maio de 1888, quando ocorrera a Abolição da Escravatura, que, à primeira vista, deveria garantir igualdade perante a lei para negros e brancos, mas a plena cidadania permaneceu distante.

Nesse contexto, escritores como Monteiro Lobato desempenharam um papel importante na formação da consciência nacional. No entanto, as obras de Lobato refletem, em alguns aspectos, as crenças e valores da elite branca da época que, muitas vezes, desconsiderava a importância da diversidade racial e cultural do Brasil.

A desigualdade racial persistente e a falta de representação literária adequada para os negros após a Abolição são questões que fazem refletir sobre a literatura, chamando a atenção para o impacto da produção literária na percepção e na construção da identidade nacional brasileira.

De acordo com Santos e Rocha (2017), após a abolição da escravidão, a migração de negros para áreas urbanas foi dificultada devido à preferência dos empregadores por imigrantes que não fossem negros.

Muitos negros, no período pós-abolição, migraram das fazendas para os centros urbanos e não conseguiram se inserir no mercado de trabalho, pois, os empregadores preferiram a farta mão de obra dos imigrantes. (...) com

isso, na maioria das vezes, só lhe restavam o subemprego e o trabalho informal. Além disto, é importante ressaltar que nenhuma política habitacional foi colocada em prática, o que gerou um intenso processo de favelização das cidades (Santos; Rocha, 2017, p. 2).

Logo, esse viés baseado em estereótipos enraizados na sociedade, muitas vezes, resultou em empregos precários para os negros. Além disso, a falta de políticas habitacionais adequadas, por exemplo, levou à formação de muitas favelas nas cidades. Nesse mesmo período, ocorreu a Proclamação da República, em 1889, que marcou a transição do Brasil do regime monárquico para o regime republicano. Essa mudança de regime também teve impacto na produção cultural brasileira, pois os escritores passaram a se interessar, cada vez mais, pela temática social e política.

No entanto, é possível observar como a construção da identidade nacional brasileira, nesse período, foi fortemente influenciada por concepções racistas e eurocêntricas, que muitas vezes se refletiam na literatura produzida no país, sendo elas carregadas de racismo e da discriminação racial.

Diante disso, torna-se pertinente iniciar uma discussão acerca do racismo, um termo de extrema importância para o enfoque deste trabalho. A fim de aprofundar nossa compreensão, é benéfico explorar as perspectivas delineadas por Ribeiro (2019) e Almeida (2018) e (2019).

Ao abordar a questão do racismo, Ribeiro (2019) ressalta a importância de um debate estrutural prévio. Isso ajuda a compreender como o sistema vem beneficiando economicamente a população branca, em contraste com a população negra, que enfrentou a ausência de acesso aos direitos básicos. Para a autora o racismo oprime e nega direitos.

Almeida (2018), autor que também trata dessa temática em sua obra, diz que o racismo não se limita a mera discriminação racial, mas se torna uma ferramenta estratégica de dominação de classe. Almeida (2018) argumenta que as pessoas negras sofrem discriminação não apenas devido à sua raça, mas também por pertencerem a classes sociais mais baixas, muitas vezes associadas a trabalhos que demandam força física em vez de habilidades intelectuais. Segundo Almeida (2018):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (Almeida, 2018, p. 22).

Logo, o racismo não se limita a atos individuais, mas é um sistema que afeta grupos raciais de maneira desigual. É uma forma de discriminação que pode ocorrer de forma consciente ou inconsciente, resultando em desigualdades profundas na sociedade, expondo as camadas de opressão que as pessoas negras enfrentam, não apenas devido à sua raça, mas também devido à sua posição socioeconômica.

Almeida (2019), diz que o racismo se diferencia tanto do preconceito racial quanto da discriminação racial. De acordo com o autor, o preconceito racial manifesta-se por meio de ações discriminatórias voltadas a conjuntos étnicos, enquanto a discriminação racial constitui uma modalidade de tratamento distintivo direcionado a um grupo identificado com base em sua origem étnica.

Essa forma de tratamento pode assumir tanto uma natureza direta quanto indireta. A abordagem direta ocorre quando a motivação é fundamentada na condição racial, levando a um tratamento estigmatizante do indivíduo como alguém notavelmente "diferente" ou resultando na exclusão de seus direitos, seja com base em características pessoais ou de pertencimento a um grupo.

Por outro lado, a discriminação indireta está primariamente associada a grupos minoritários e se manifesta através da implementação de normas e regulamentos que inicialmente parecem ser inofensivos, mas que, na prática, revelam-se prejudiciais e desvantajosos. Almeida (2019). Com base nisso, é possível afirmar que:

A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva à estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social –o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material – é afetado (Almeida, 2019, p.24).

Portanto, as práticas discriminatórias não são eventos isolados, mas sim processos complexos e intergeracionais que moldam o destino de comunidades inteiras. Esse fenômeno de estratificação social decorrente da discriminação sublinha a necessidade de políticas e ações afirmativas que busquem não apenas combater a discriminação presente, mas também reparar as desigualdades historicamente enraizadas.

Essa compreensão profunda das ramificações da discriminação é fundamental para construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos os indivíduos tenham igualdade de oportunidades para ascender e prosperar.

Almeida (2019), apresenta três abordagens distintas do racismo: o individualista, o institucional e o estrutural. O racismo individualista, na perspectiva do autor, é um fenômeno ético que pode ser entendido como algo fora do normal, podendo se manifestar tanto em nível individual quanto coletivo. Já o racismo institucional ocorre dentro de instituições, sejam elas públicas ou não. Esse tipo de racismo está enraizado na questão racial, resultando na perpetuação da desigualdade. Para Almeida (2019), o racismo institucional apresenta uma sofisticação maior do que o racismo individualista, conforme exposto:

[...] o racismo institucional é menos evidente, muito mais sutil, menos identificável em termos de indivíduos específicos que cometem os atos. Porém, alertam os autores de que o racismo institucional não é menos destrutivo da vida humana. O racismo institucional se origina na operação de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade e, portanto, recebe muito menos condenação pública (Almeida, 2019, p.29).

As duas formas de racismo coexistem na sociedade, uma delas manifesta de maneira direta e a outra mais sutil, porém ambas têm o potencial de causar significativos prejuízos. O cerne desse problema reside na dinâmica de poder, que serve como origem para diversas formas de discriminação. Isso abrange desde situações de discriminação interpessoal, quando um indivíduo é alvo de outro, até conflitos mais amplos entre diferentes comunidades.

A outra concepção apresentada por Almeida (2019), é o chamado racismo estrutural. Pode ser entendido como um sistema de desigualdade enraizado nas estruturas sociais e instituições, que perpetua disparidades raciais através de práticas e políticas que favorecem historicamente um grupo em detrimento de outros. Além disso, ele também é histórico, vejamos:

Por ser um processo estrutural, o racismo é também processo histórico. Desse modo, não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político. A especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social, de tal sorte, quanto ao processo histórico também podemos dizer que o racismo se manifesta (Almeida, 2019, p.162).

Nesse sentido, o racismo estrutural não depende de intenções pessoais, mas sim das próprias normas e sistemas que moldam oportunidades desiguais em áreas como educação, habitação e justiça. Na literatura, essa perspectiva é crucial ao analisar figuras como Lobato. O autor é indiscutivelmente uma figura marcante na

história da Literatura Infanto Juvenil no Brasil e deixou um legado importante à literatura. No entanto, “é necessário renovar os olhares com que se veem as delicadas relações que o escritor estabelece entre a literatura e sua percepção do social e do histórico em relação à presença e o valor do negro na sociedade brasileira” (Castilho, 2004. p. 108).

Ainda segundo Castilho, Lobato foi responsável também por obras infantis, que de forma mais escancarada, trouxeram em sua escrita a representação estereotipada e racista em suas obras. Seus personagens eram frequentemente retratados como animais selvagens ou excessivamente submissos. Tia Nastácia, figura central dessa questão, era analfabeta e referida como “a negra de estimação”, perpetuando uma imagem de subalternidade.

Esse retrato estereotipado e desumanizante de personagens negros nas obras de Monteiro Lobato reflete um contexto histórico em que o racismo era amplamente aceito e naturalizado na sociedade brasileira. A literatura, como uma forma de expressão cultural, tem o poder de influenciar e perpetuar visões de mundo, e, nesse sentido, as obras de Lobato, em razão de sua relevância na Literatura Brasileira, continua a influenciar gerações subsequentes. Assim, é crucial considerar como essas obras dialogam com os valores e perspectivas sociais de sua época e o impacto contínuo que exercem.

A crítica às obras de Lobato não visa negar a sua importância literária, mas sim problematizar os aspectos racistas presentes em sua produção. Como sociedade, é crucial que reavaliemos os textos que escolhemos perpetuar e o modo como interpretamos as narrativas do passado. Esse exercício de revisão crítica não significa apagar a história, mas sim entendê-la em toda a sua complexidade, reconhecendo tanto os méritos quanto às falhas dos autores e das obras que admiramos.

Para Da Silva e Dias (2022), a discussão sobre o racismo estrutural na literatura também nos leva a refletir sobre o papel da educação na formação de novas gerações. As escolas têm a responsabilidade de promover uma leitura crítica das obras clássicas, contextualizando-as historicamente e estimulando os alunos a questionarem as representações que encontram nos textos. Ao fazer isso, contribuimos para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para combater as desigualdades raciais em nossa sociedade.

### **3 REINAÇÕES DE NARIZINHO: A PERSONAGEM DE FICÇÃO E OS ESTEREÓTIPOS DA NARRATIVA**

Ao falar sobre a personagem de ficção, Antônio Cândido (2009), discute o papel crucial das personagens no romance, destacando-as como entidades ficcionais que dão vida aos enredos e expressam os valores e significados subjacentes à obra. Ele enfatiza a importância do pacto ficcional entre obra e leitor para uma leitura eficaz, embora critique a ideia de que as personagens são independentes das realidades que as cercam.

Segundo Cândido (2009), as personagens são elementos fundamentais na arte do romance, mas só ganham pleno significado dentro do contexto em que estão inseridas. Para ele, as personagens representam seres fictícios fundamentais para a existência do romance como uma verdade existencial. Elas personificam uma relação complexa entre o real e o fictício, permitindo que o escritor estabeleça uma lógica interna para suas narrativas.

Outro aspecto crucial na análise das personagens literárias, especialmente no contexto das obras de Monteiro Lobato, é o modo como essas figuras refletem as contradições internas da sociedade. Antônio Cândido nos leva a entender que Tia Nastácia, por exemplo, representa não apenas a figura materna e protetora, mas também a persistência de uma visão colonial que relegava as pessoas negras a papéis subalternos. Essa dualidade na construção da personagem evidencia o conflito entre a tentativa de Lobato de celebrar a cultura brasileira, com suas diversas influências, e a perpetuação de preconceitos que eram comuns na época. Essa complexidade permite uma leitura mais crítica da obra, onde o leitor pode perceber as nuances e os dilemas sociais que ela traz à tona.

Monteiro Lobato, por exemplo, incorpora essa ideia em suas obras, especialmente ao retratar a personagem Tia Nastácia. Tia Nastácia é um elemento vital na série de livros do Sítio do Picapau Amarelo (1920), essa personagem representa uma voz que ecoa as experiências e os desafios enfrentados pela comunidade afro-brasileira.

Assim, Cândido (2009) nos mostra que as personagens, ao se tornarem mais do que simples entidades fictícias, são capazes de refletir e até mesmo questionar as tensões sociais da época. Sua presença na narrativa não apenas

enriquece as histórias com sua complexidade, mas também comunica a lídima verdade existencial das realidades enfrentadas por pessoas negras no Brasil.

Além disso, a forma como Monteiro Lobato constrói suas personagens pode ser entendida como uma manifestação da ideologia dominante na sociedade brasileira do início do século XX. A naturalização de estereótipos raciais em personagens como Tia Nastácia pode ser vista como uma estratégia inconsciente de reforço das hierarquias sociais. Nesse sentido, Antônio Cândido enfatiza que a naturalização de estereótipos raciais em personagens como Tia Nastácia pode ser vista como uma estratégia inconsciente de reforço das hierarquias sociais.

Ao mesmo tempo, Lobato cria um universo onde essas personagens têm um papel vital na dinâmica das histórias, o que gera uma ambiguidade em sua obra. Essa ambiguidade pode ser interpretada como um reflexo das tensões sociais da época, onde a presença negra era reconhecida, mas sempre dentro de limites estabelecidos por uma visão eurocêntrica e colonial.

Tia Nastácia, como uma personagem ficcional, tornou-se uma representação que transcendeu as páginas do romance, constituindo um reflexo das complexidades das relações raciais e da luta contra o preconceito. Assim, Tia Nastácia exemplifica como as personagens podem ser mais do que simples entidades fictícias, tornando-se veículos poderosos para a comunicação da verdade existencial dentro da obra literária.

Por outro lado, o estudo das personagens ficcionais também abre espaço para a resignificação dessas figuras ao longo do tempo. Com o avanço dos estudos pós-coloniais e das críticas ao racismo estrutural, Tia Nastácia pode ser vista sob uma nova luz. Essa resignificação não apenas desafia a visão original de Lobato, mas também permite que novas interpretações sejam desenvolvidas, onde a personagem não é mais vista apenas como um estereótipo, mas como uma figura de resistência e resiliência. Esse processo de resignificação é essencial para que a literatura continue a ser relevante e capaz de dialogar com as questões contemporâneas.

### **3.1 Tia Nastácia e a subalternidade**

Essa imagem de subalternidade atrelada à personagem Tia Nastácia, pode ser analisada através da teoria de Spivak (2010), que aborda a questão da representação dos subalternos. A autora discute a problemática da representação,



diferenciando entre falar por e re-presentar na arte e na filosofia. Ela destaca que, muitas vezes, intelectuais tentam falar em nome dos oprimidos, mas acabam impondo suas próprias perspectivas, sem reconhecer a complexidade e a diversidade das experiências dos subalternos.

Esse conceito é crucial para compreender como Lobato, ao criar Tia Nastácia, pode ter perpetuado estereótipos racistas sob a pretensão de representar a realidade social de sua época. Ao analisar a personagem, compreendemos que ela não é apenas uma representação simplista do real, mas sim um produto dos detalhes habilmente selecionados pelo autor. Isso nos leva a questionar não apenas a sua construção, mas também as dinâmicas sociais e as atitudes presentes na sociedade da época.

Logo, "A produção de teoria é também uma prática; a oposição entre teoria abstrata 'pura' e prática concreta 'aplicada' é um tanto apressada e descuidada" (Spivak, 2010, p. 31). Essa observação é relevante, pois Lobato, ao teorizar sobre a sociedade brasileira através de suas histórias, acaba por praticar uma forma de representação que, embora seja vista como um reflexo da realidade, é, na verdade, uma construção ideológica que pode reforçar preconceitos e desigualdades.

Portanto, a representação da personagem se torna problemática, pois como sugere Spivak (2010) o subalterno, desprovido de qualquer forma de agenciamento, é incapaz de se expressar plenamente no discurso dominante. A fala da autora pode ser vista na representação de Tia Nastácia, onde sua voz e perspectivas são frequentemente mediadas ou silenciadas pelos narradores e personagens centrais.

A análise da personagem sob essa ótica da subalternidade nos leva a refletir sobre como as narrativas dominantes moldam a percepção das minorias. Através da mediação de suas falas e ações por outros personagens, Lobato reforça a ideia de que os subalternos não têm uma voz própria, sendo constantemente definidos por outros.

A esse respeito, Spivak (2010), afirma que a produção de conhecimento e a representação dos subalternos, muitas vezes resulta na violência epistêmica, onde o conhecimento produzido sobre os subalternos não apenas os define, mas também os subjuga, perpetuando relações de poder desiguais.

Essa ideia de violência epistêmica é fundamental para entender como as obras de Lobato podem ser vistas não apenas como entretenimento, mas como uma

forma de reforçar as desigualdades sociais. Ao retratar Tia Nastácia de forma estereotipada, a literatura de Lobato não só reflete, mas também contribui para a construção de uma realidade social que marginaliza e desvaloriza as experiências e identidades negras.

Nesse sentido, o racismo precisa ser analisado como uma questão intrínseca às dinâmicas sociais e que reverbera às páginas do texto literário. Ao explorar as narrativas, torna-se evidente que a literatura, longe de ser um mero reflexo, desempenha um papel ativo na formação humana.

Ao abordar o racismo, Almeida (2018), diz que se trata de uma manifestação sistemática de discriminação baseada na raça, que resulta em práticas, conscientes ou inconscientes, levando a vantagens ou desvantagens para indivíduos, dependendo do grupo racial ao qual estão associados. Nesse sentido, a fala do autor mostra complexidade do racismo, que vai além de atitudes individuais para abordar suas raízes sistêmicas e impactos estruturais. Sublinha a importância de reconhecer as disparidades ligadas à raça e a diversidade de formas que o racismo pode assumir, consciente ou inconscientemente.

Ao analisar a personagem, compreendemos que ela não é apenas uma representação simplista do real, mas sim um produto dos detalhes habilmente selecionados pelo autor. Isso nos leva a questionar não apenas a sua construção, mas também as dinâmicas sociais e as atitudes presentes na sociedade da época. Tia Nastácia serve, portanto, como um ponto de partida para discussões sobre representatividade, preconceito e as complexidades da narrativa ficcional de Lobato.

A interpretação que faz das personagens em uma obra literária é fortemente influenciada pelo autor, já que são suas escolhas de caracterização e tipificação que moldam a percepção do leitor. No caso de Tia Nastácia, sua representação pode ser vista de forma negativa, pois é reiteradamente retratada de maneira negativa. Essa caracterização perpetua estereótipos prejudiciais e reforça uma imagem de subalternidade, influenciando diretamente na maneira como os leitores a enxergam. Além do mais, o ambiente e o tempo em que Tia Nastácia está inserida também contribuem para essa interpretação negativa, refletindo a mentalidade e as injustiças sociais da época.

#### 4 TIA NASTÁCIA: REPRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NA NARRATIVA

Tia Nastácia, a cozinheira do Sítio do Picapau Amarelo, é retratada como uma mulher negra de educação limitada, negra, acima do peso e de lábios grandes. Ela era solícita, embora às vezes assustada e de educação limitada, desempenhando um papel fundamental no cuidado com os moradores do Sítio. Sua representação é um ponto de partida para reflexões mais profundas sobre as dinâmicas raciais presentes na obra de Monteiro Lobato.

Ela era o Brasil vivo no contexto da história do sítio, era ela quem contava as histórias do folclore brasileiro com riqueza de detalhes. No entanto, as características na representação da personagem aconteciam de forma depreciativa e a colocava numa posição de inferioridade.

A personagem é frequentemente analisada sob uma ótica que a coloca em posição de subserviência e de forma insignificante perante aos demais moradores. Como no seguinte trecho retirado do livro *Reinações de Narizinho* (2019):

- Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno...  
 A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental.  
 -Que é, sinhá? – perguntou.  
 [...] A **boa negra** deu uma risada gostosa, com a **beijaria** inteira.  
 [...] a **negra abriu a maior boca do mundo**.  
 - E fala mesmo sinhá!. (Lobato, 2019, p. 9. Grifo nosso).

Logo, é possível notar como Tia Nastácia é representada na obra de Monteiro Lobato, evidenciando aspectos que a colocam em uma posição subalterna. O comando "Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno..." já estabelece uma relação hierárquica, na qual a personagem é tratada como alguém a serviço dos demais, prontamente respondendo ao chamado de sua patroa. A descrição "A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental" reforça o estereótipo da mulher negra vinculada ao trabalho doméstico, sublinhando sua posição como empregada.

Além disso, o uso de expressões como "a boa negra e beijaria inteira" e caricaturiza a personagem, exagerando suas características físicas de forma a desumanizá-la e reforçar estereótipos. A repetição do termo "negra" sublinha sua identidade racial, como se esta fosse sua principal característica.

O ambiente em que Tia Nastácia está inserida, reflete uma dinâmica complexa de relações sociais e culturais. Embora seja retratado como um local idílico

e cheio de fantasia, o Sítio também revela aspectos problemáticos relacionados à representação étnico-racial. A personagem, uma das poucas negras da história, é frequentemente retratada de forma pejorativa, com ênfase em suas características físicas e sociais simplificadas. Seu papel como cozinheira e cuidadora, embora vital para a narrativa, muitas vezes a coloca em uma posição de submissão e servidão, reforçando estereótipos de pessoas negras como provedoras de trabalho braçal e de baixo status social.

Além disso, o ambiente do Sítio do Picapau Amarelo muitas vezes carece de uma análise crítica das relações de poder e privilégio que moldam as interações entre os personagens. Isso se evidencia em um trecho retirado do livro *Memórias de Emília*:

Negra beijuda! Deus que te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo. Essa burrona teve medo de cortar a ponta da asa do anjinho. Eu bem que avisei. Eu vivia insistindo. Hoje mesmo eu insisti. E ela com esse beirão todo: “Não tenho coragem... é sacrilégio...” Sacrilégio é esse nariz chato (Lobato. 1936, p. 41).

Do exposto, é possível constatar que a personagem Tia Nastácia era constantemente retratada na obra como subserviente e como uma negra de estimação. Essa afirmação é especialmente evidente em um trecho retirado do livro *Reinações de Narizinho*, quando o narrador explica sobre algumas das personagens que compõem aquele lugar, a casa do Sítio: “Na casa ainda existem duas pessoas — Tia Nastácia, **negra de estimação** que carregou Lúcia pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo”. (Lobato, 2019, p. 9. Grifo nosso).

É evidente que a expressão em destaque “negra de estimação”, evoca a submissa história das pessoas negras no contexto da escravidão. Pode-se notar que a personagem é vista como subalterna, cuja principal função é cuidar das crianças brancas da casa. Em sua maioria, as descrições da personagem vêm sempre acompanhada de sua cor ou de alguma característica física: [...] “é porque é de pano, sinhá – explicou a **preta**”. (Lobato, 2019, p. 32. Grifo nosso).

Outro ponto que nos chama a atenção, em especial na relação de Dona Benta e Tia Nastácia, é que Nastácia constantemente utiliza a palavra ‘sinhá’ para se referir a Dona Benta. - “Nastácia, veja se me pega o pinto sura. – Para que, sinhá? – perguntou a preta estranhando a ordem”. “[...] É impostoria dele, sinhá”. (Lobato, 2019, p. 110).

A personagem Tia Nastácia, ao usar o termo "sinhá" para se referir a sua patroa no *Sítio do Picapau Amarelo*, segue um padrão de tratamento que era comum no Brasil escravocrata e pós-escravocrata. "Sinhá" é uma forma abreviada de "senhora," e era usada por escravizados e ex-escravizados para se dirigir às mulheres brancas de classes sociais superiores.

Esse termo reflete as relações de poder e submissão que existiam entre senhores e escravizados, e sua continuidade em períodos posteriores. Na literatura de Monteiro Lobato, o uso de "sinhá" por Tia Nastácia serve para reforçar sua posição subalterna, evidenciando uma relação de respeito ou de diferença em relação aos demais personagens brancos, especialmente aqueles em posições de autoridade. Além disso, o uso dessa forma de tratamento é um indicativo de que Tia Nastácia internalizou as normas sociais de sua época, que perpetuavam hierarquias raciais e sociais

Ainda evidenciando a representação negativa na qual Lobato trazia de Tia Nastácia, assim o autor traz: "Dona Carochinha botou-lhe a língua – uma língua muito magra e seca – e retirou-se furiosa da vida, **a resmungar que nem uma negra beijuda**" (Lobato, 2019, p. 16. Grifo nosso). Em outro trecho o autor utiliza a mesma expressão, dessa vez para referir-se à Tia Nastácia: "Princesa que ainda leva palmada de dona benta e leva pitos da **negra beijuda!**" (Lobato, 2019, p. 51. Grifo nosso). A expressão selecionada é, nitidamente, carregada de conotações racistas e pejorativas. O uso do termo "negra beijuda" para se referir a personagem associa as características físicas das pessoas negras a aspectos negativos.

Tia Nastácia era constantemente adjetivada, de forma negativa, pela sua cor. O autor evidenciava isso através de diálogos de outros personagens ou mesmo para descrever determinadas situações, chegando a chamar as pedras do rio de "Tias Nastácias do rio", fazendo referência à cor da pele de Nastácia:

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras do limo, que Lúcia chama as "Tias Nastácias do rio" (Lobato, 2019, p. 9).

Nota-se que a cor da personagem era na maior parte descrita de forma estigmatizada, Lobato através do diálogo de outros personagens, buscava sempre inferiorizar a personagem. Em "O Circo de Cavalinho", capítulo do livro referido, ao

apresentar os personagens ao circo, Narizinho diz: “Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, **por ser preta**” (Lobato, 2019, p. 195. Grifo nosso). Ainda no episódio descrito acima, Dona Benta, personagem de pele clara, obviamente naquele contexto foi retratada da melhor forma possível, enquanto Tia Nastácia foi inferiorizada. Vejamos:

Narizinho achou conveniente fazer a apresentação de ambas por haver ali muita gente que as desconhecia. Trepou numa cadeira e disse:

Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, Dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso Cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira, que já morreu. Também apresento a princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura (Lobato, 2019, p. 195).

Pode-se observar que o autor não utilizou a cor para descrever os demais personagens. Por exemplo, Dona Benta é descrita pelo nome e sobrenome, enquanto Tia Nastácia é caracterizada por sua cor de pele. Além disso, é interessante notar que neste trecho há uma possível conexão com o movimento eugênico, que era apoiado pelo autor e seus amigos, como exemplificado anteriormente neste trabalho. Isso fica evidente quando a personagem Narizinho afirma que se o príncipe beijasse Nastácia, ela se tornaria loira.

Lobato acredita que o caráter racial é um atributo que se forma ao longo de séculos e que o cruzamento racial perturba esse processo, tornando-o instável. O autor não apenas questiona a eficácia da estratégia, mas também aponta para as consequências negativas que, segundo ele, afetaram ambas as raças. A crítica de Lobato vai além do aspecto físico das raças, pois para o autor a fusão resultou na perda das "admiráveis qualidades físicas de selvagem" que ele atribui aos negros. Além disso, ele aponta para a deterioração do caráter dos brancos devido aos cruzamentos raciais.

Em outro momento do livro onde acontece um diálogo entre Emília e a Cinderela o narrador diz: “todos tomaram café, menos a Cinderela. – Só tomo leite – explicou a linda princesa. – Tenho medo de que o café me deixe morena. – Faz muito bem - disse Emília. – Foi de tanto tomar café que **Tia Nastácia ficou preta assim..**” (Lobato, 2019, p. 154).

A afirmação de Cinderela e a resposta de Emília sugerem que a cor da pele negra é algo indesejado, implícita na ideia de evitar "ficar morena" como um efeito negativo. A fala de Emília reforça um estereótipo depreciativo, sugerindo uma relação direta e fictícia entre o consumo de café e a cor da pele negra. Essa representação deprecia a identidade racial de Tia Nastácia, reforçando uma visão discriminatória.

Em um momento em que Emília, demonstra estar ofendida, pois perdeu um concurso do Sítio, envolvida na preparação de suas malas, seu diálogo com o cavalinho expõe diretamente como as características raciais são usadas para julgar e desvalorizar Tia Nastácia. O diálogo revela a forma como a cor da pele é usada como um marcador de caráter e valor moral, refletindo atitudes discriminatórias.

Emília estava seriamente ofendida e sem dúvida nenhuma preparava-se para alguma viagem. Ia arrumando as malas, ao mesmo tempo que dialogava com o cavalinho.

- Não é à toa que ela é **preta como carvão**.

- ?

Mentira de narizinho! Essa **negra** não é fada nenhuma, nem nunca foi branca.

**Nasceu preta e ainda mais preta há de morrer.**

- Boa? Está muito enganado. Mais malvada que ela só o barba azul. Você é porque é novo nesta casa e não a conhece. Tia Nastácia não tem dó de nada (Lobato, 2019, p. 168. Grifo nosso).

O diálogo entre Emília e o cavalinho revela a presença de estereótipos raciais profundamente enraizados na obra de Monteiro Lobato. A frase "Não é à toa que ela é preta como carvão" é particularmente significativa, pois utiliza a cor da pele negra como um marcador de características negativas e depreciativas. A comparação com "carvão" e a afirmação de que Tia Nastácia "nasceu preta e ainda mais preta há de morrer" exemplificam um racismo que associa a cor da pele a uma posição moral inferior e a um destino inevitavelmente negativo.

Além disso, a descrição de Tia Nastácia como alguém que é "mais malvada que Barba Azul," um personagem conhecido por suas ações cruéis, intensifica a associação entre a cor da pele negra e características malignas. Essa comparação sugere que a natureza e o caráter de Tia Nastácia são definidos não por suas ações ou individualidade, mas por um estereótipo racial que a vê como inerentemente ruim. O comentário de Emília reflete uma ideologia que desumaniza e marginaliza a personagem, tratando-a como um objeto de desprezo e desdém.

É possível entender que a escolha de Lobato, em incorporar essas ideias na narrativa, é reveladora do contexto sociocultural da época e da forma como as

normas e preconceitos raciais eram reproduzidos e reforçados na literatura. A análise dessa passagem demonstra como a obra perpetua e legitima estereótipos na construção de Tia Nastácia.

Diante disso, é importante compreender como a Literatura Brasileira retratou a população negra que havia sido escravizada por mais de três séculos no país, e como os escritores negros brasileiros se apropriaram da literatura para reivindicar sua voz e identidade cultural, bem como para contestar as representações estereotipadas da população negra no cenário literário produzida por autores brancos.

Independente da posição adotada, é inegável que a obra de Lobato desempenhou (e ainda o faz) um papel importante na construção da identidade nacional brasileira, especialmente no que diz respeito à valorização da cultura popular e da Língua Portuguesa. No entanto, acreditamos na importância de fomentar uma discussão a respeito dessas questões, como termos e expressões, que revelam um caráter depreciativo e pejorativo no que se refere à construção de personagens negras, tal qual Tia Nastácia.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível identificar e analisar as manifestações e perpetuações de estereótipos raciais presentes na obra *Reinações de Narizinho* (2019), de Monteiro Lobato, especialmente no que diz respeito à construção e representação da personagem Tia Nastácia. Observou-se que as representações racistas presentes na obra refletem as crenças e valores da elite branca brasileira da época, além de serem influenciadas pelo movimento eugenista, do qual Lobato era simpatizante.

Os resultados obtidos demonstram que, embora, a inclusão de personagens negros, como Tia Nastácia, possa ser vista inicialmente como um esforço de representação, a linguagem e as descrições utilizadas pelo autor acabam por reforçar estereótipos negativos e perpetuar uma visão pejorativa dos negros. Termos pejorativos e a constante subalternização de Tia Nastácia evidenciam a visão preconceituosa da época, que ainda ressoa nos dias atuais. Essas representações não apenas refletem o racismo estrutural da sociedade brasileira, mas também têm profundas implicações na formação das percepções sociais e culturais das crianças e jovens leitores.

Ao longo do estudo, constatou-se que Monteiro Lobato, influenciado pelo movimento eugenista e pelas concepções raciais de sua época, construiu sua personagem como uma figura subalterna e estereotipada. Essa construção não apenas reflete os valores e crenças da elite branca brasileira, mas também perpetua um imaginário de inferioridade racial que atravessa gerações. A análise da obra e das correspondências de Lobato evidenciou uma visão negativa sobre a miscigenação e uma admiração por ideias eugenistas, o que pode ter influenciado na construção e representação negativa da personagem.

É importante reconhecer também que, apesar de seu valor histórico e literário, as obras de Monteiro Lobato, como muitas outras de seu tempo, carregam preconceitos que devem ser criticamente avaliados. No entanto, ao fazer essa crítica, não se deve desconsiderar a relevância dessas obras na formação da literatura infantojuvenil brasileira. Ao contrário, a crítica deve ser utilizada como uma ferramenta para promover uma releitura mais inclusiva e consciente.

Além disso, a pesquisa destacou a ausência de uma representação justa e humanizada dos personagens negros na Literatura Brasileira anterior a 1850, ressaltando como essa omissão histórica contribuiu para a marginalização das vozes negras. A análise da obra de Lobato e de sua recepção contemporânea permitiu identificar a necessidade de uma reavaliação das obras literárias mediante os valores atuais, promovendo um entendimento mais consciente e inclusivo das representações.

Acreditamos que a partir dessa perspectiva, é essencial que educadores e formadores de opinião estejam cientes das implicações dessas representações literárias ao trabalharem com essas obras em ambientes educacionais. A inclusão de discussões críticas sobre o racismo presente na literatura, mesmo em obras clássicas como as de Monteiro Lobato, podem auxiliar na desconstrução de preconceitos e na promoção de uma educação antirracista. Assim, é necessário considerar como essas representações impactam a autoestima e a identidade das crianças negras que consomem esse tipo de literatura. Logo, a perpetuação de estereótipos pode reforçar sentimentos de inferioridade e alienação, o que torna urgente a criação de espaços de discussão e reflexão sobre essas questões na educação básica e no ambiente familiar.

Portanto, é relevante apontar que a crítica às representações racistas em obras literárias não implica em uma rejeição total dessas obras, mas sim em uma compreensão mais ampla e contextualizada. É possível valorizar aspectos literários e históricos ao mesmo tempo em que se reconhecem e criticam as falhas e limitações de seu conteúdo. Pensando nisso, este estudo não se limitou a criticar o passado literário, mas sim em fomentar um diálogo sobre a importância de uma representação adequada, sem marginalizar ou estereotipar as personagens.

Este trabalho reforça, com isso, a importância de uma leitura crítica e contextualizada das obras literárias, reconhecendo tanto suas contribuições culturais quanto suas limitações. Espera-se, então, que esta pesquisa inspire futuras investigações sobre a representação de personagens negros na literatura infantojuvenil e contribua para que essa temática possa ser cada vez mais discutida no meio acadêmico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA., 2019.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre, Mercado Alberto, 1983.

CANDIDO, Antônio et. al. **A personagem de ficção**. 2 ed. - São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

CASTILHO, Suely Dulce. A Representação do Negro na literatura Brasileira. **Novas Perspectivas**, v.7 nº01, 2004b.

CASTILHO, Suely Dulce. O Ser Negro e a Literatura Infanto-Juvenil. **Cadernos Negros**, São Paulo: Quilombhoje, v.27, 2004a.

DA SILVA, Mozart Linhares; DIAS, Luiza Franco. **21 Textos para discutir racismo em sala de aula**. São Carlos: Pedro & João. Editores, 2022. 222p.

JUNIOR, Arlindo; WESTPHAL, Euler Renato; MEIRA, Roberta Barros. Dossiê "Acima da América está o sangue": a eugenia nos escritos de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro. **Revista Maracanan**. n.27, p.63-93, maio/agosto. 2021.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. **Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação**. -1ª ed- São Paulo: Appris Editora, 2023.

LOBATO, Monteiro. **O presidente negro**. Globo Livros, 2008.

LOBATO, Monteiro. **Problema vital**. In: Lobato, Monteiro. Mr. Slang e o Brasil é um problema vital. 7. ed. São Paulo: Brasiliense. p.223-329. 1956.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Org: Marisa Lajolo. -1ª ed- São Paulo: Companhia das letrinhas, 2019.

QUELUZ, Gilson Leandro. Eugénias modernistas: o presidente negro de Monteiro Lobato e a república 3000 de Menotti Del Picchia. **Revista tecnologia e sociedade**, v. 2, n. 2, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

SANTOS, Lais Maine; ROCHA, Cristiany Miranda. **Liberdade e desigualdade: a inserção do negro na sociedade republicana do pós-abolição**.

SANTANA, Kaique Oliveira. **Lobato e o 'choque das raças'**. Boletim, nº 2051. Ano 45, 2019. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/2051/lobato-e-o-choque-das-racas>. Acesso em: 06 ago. 2024.

SOUZA, Regina Lemos de. **Nova leitura de Lobato**. 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **A eugenia brasileira e suas conexões internacionais**: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 23, p. 93-110, supl., dez. 2016.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 242.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única, São Paulo: Brasiliense, 1995.